

Uma vida em que o futuro se narra como presente do passado: horizonte memorialista da infância de Moacyr Scliar

Lincoln AMARAL*

Resumo: Pretende-se, por meio deste artigo, destacar algumas relações do contexto social, político e cultural – do Brasil em geral e do Rio Grande do Sul em particular – com alguns episódios biográficos do escritor Moacyr Scliar, em especial de sua infância e início de adolescência. Com efeito, tal artigo visa também pôr em relevo a trajetória dos amigos e familiares do escritor, no contexto multicultural da comunidade étnica *Ashkenazita* em que ele foi criado, e a possível relação dessa vivência com a futura escolha da temática judaica presente em várias de suas obras. Porém, sem ter a intenção de transferir mecanicamente esse horizonte memorial para o mundo ficcional de Scliar. Uma vez que, segundo nossa interpretação, a complexidade e importância da produção do escritor extrapola o espaço bairrista do Bom Fim, de Porto Alegre e mesmo do Brasil; adquirindo um caráter universal no contexto maior da cultura judaica.

Palavras-chaves: Identidade. Alteridade. Pertença. Scliar. Judaísmo.

A life in which the future is narrated as a past gift: childhood memorialist horizon of Moacyr Scliar

Abstract: This article intends to highlight some relations of the social, political and cultural context of Brazil in general, and of Rio Grande do Sul State in particular, with some biographical episodes of the writer Moacyr Scliar, especially of his childhood and beginning of adolescence. In fact, this article also aims to highlight the trajectory of the writer's friends and relatives in the multicultural context of the Ashkenazi ethnic community in which he was raised, and the possible relationship between this experience and the future choice of the Jewish theme present in several of his works, but without intending to mechanically transfer

* Professor Msc - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP)/Campus São João da Boa Vista. Acesso Dr. João Batista Merlin, a/nº – Jardim Itália – CEP: 13872-551 – São João da Boa Vista – São Paulo, Brasil. E-mail: lincolnbio@superig.com.br – Mestre em Melhoramento Genético Vegetal – Doutorando – Programa de Pós-graduação em Estudos Judaicos - Universidade de São Paulo - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Departamento de Letras Orientais -Av. Prof. Luciano Gualberto, 403 - CEP 05508-010 - São Paulo – SP – Brasil - Membro do grupo de pesquisa: Presença judaica na literatura brasileira.

this memorial horizon to the fictional world of Scliar. Since, according to our interpretation, the complexity and importance of the writer's production goes beyond the space of Bom Fim neighborhood, Porto Alegre city and even Brazil, acquiring a universal character in the larger context of Jewish culture.

Keywords: Identity; otherness; belonging; Scliar; Judaism.

*Ora, o estranho tem debilidades e forças que o mundo não tem.
O estranho é frágil como uma larva, treme por qualquer coisa, vive assustado.
Não fala a língua do lugar. Vem do mar, vem do rio.
Chega uma noite, é alojado em albergues, depois mora em cortiços úmidos e sombrios.
À luz clara é objeto de deboche-pior, um frequente bode expiatório.
Mas ele espia e expia. E aí – no olhar – está o primeiro poder do estranho.
Ele vê o que os outros não veem.
Olho arguto, olho mágico, enxerga poros nas superfícies lisas, minúsculas fissuras no revestimento.
O estranho, até então frio e vazio como um ventre de larva é agora um olho – enigmático.
(Moacyr Scliar)^{1 e 2}*

Quando se discute aspectos da vida de um escritor, corre-se o risco, talvez até inconsciente, de procurar estabelecer automaticamente – de forma mecânica, apressada e pouco refletida – relações deterministas de causa e consequência entre biografia e obra, como se a última resultasse “naturalmente” da primeira. Blanchot, discorrendo sobre biografias e/ou livros de memórias, relativiza mesmo em obras desse gênero, a suposta relação de automatismo entre o que foi vivido pelo autor e o seu fazer literário:

[...] são modelos dessa história que se encontra, não história já feita e petrificada, mas existência voltada para o futuro e que, no momento em que se conta, parece sempre estar sendo feita, desconhecida mesmo para aquele que a conta no passado. (BLANCHOT, 1997, p. 237).

Mesmo atentando para essas ressalvas, consideramos adequado destacar algumas relações do contexto social, político e cultural – do Brasil em geral e do Rio Grande do Sul em particular – com alguns episódios biográficos de Moacyr Scliar, em especial de sua infância e início de adolescência.

A esse respeito, Zilberman esclarece que “sua obra [a de Scliar] é influenciada por sua condição de filho de imigrantes e de judeu, assim como por sua formação como médico de saúde pública”. Ao responder pergunta desta pesquisadora em uma entrevista, Scliar revela que:

Todo autor é autobiográfico quando começa e *A guerra no Bom Fim* é a minha primeira novela (prefiro esta denominação, mais modesta, à de romance). Não posso dizer que me retratei no personagem Joel, mas outros que ali aparecem são até figuras que realmente existiram. E o bairro era aquilo mesmo. Quanto ao período, certamente é importante, com as revelações sobre o Holocausto, a proclamação do Estado e, no caso da comunidade judaica, um maior entrosamento com a cultura brasileira. Neste período, o Bom Fim deixa de ser o *shtetl* de Porto Alegre. (ZILBERMAN, 2009, p. 117-118).

Com efeito, o presente artigo visa também destacar a trajetória dos amigos e familiares do escritor, no contexto cultural da comunidade étnica *Ashkenazita* em que ele foi criado, e a possível relação dessa vivência com a futura escolha da temática judaica presente em várias de suas obras. Porém, vale reafirmar, sem ter a intenção de transferir mecanicamente esse horizonte memorial para o mundo ficcional de Scliar. Uma vez que, segundo nossa interpretação, a complexidade e importância da produção do escritor extrapola o espaço bairrista do Bom Fim, de Porto Alegre e mesmo do Brasil; adquirindo um caráter universal no contexto maior da cultura judaica.

Há uma característica peculiar no processo de formação étnica do Rio Grande do Sul. Mesmo os indígenas que habitavam o território provinham de um processo migratório. Isto significa que, a rigor, neste estado, ninguém é “autóctone” (GERTZ, 2011, p. 243). A chamada segunda fase de colonização do Rio Grande do Sul ocorreu entre final do Século XIX e o primeiro terço do Século XX. Objetivava a substituição de mão de obra escrava pela de origem europeia, agora remunerada e considerada mais qualificada pelo governo da época, além de atendê-lo na discutível e subterrânea exequibilidade da política de “embranquecimento” da população.

Durante o Século XX, a Primeira Guerra Mundial e a Revolução de 1930 foram dois episódios históricos que afetaram significativamente o processo migratório ao Brasil. Na Europa, as restrições e contingências provocadas pela guerra foram responsáveis pela diminuição da vinda de novos contingentes. Após a Revolução de 1930, houve uma alteração drástica na política de imigração, reduzida a 2% do índice de pessoas que haviam entrado no país nos últimos 50 anos. O primeiro governo Vargas, inspirado por razões nacionalistas, determinou inicialmente que esse corte deveria ser proporcional para cada nacionalidade e etnia estrangeira.

O excerto a seguir revela algumas possíveis fontes de inspiração que teriam motivado a migração dos judeus *Ashkenazitas* ao Brasil:

Por fim a chegada ao Brasil, cuja referência não é menos importante para os judeus. Se por um lado os E.U.A. simbolizavam a liberdade, a ideia de que os primeiros habitantes na América do sul fossem membros das “tribos

perdidas” de Israel anima os observadores judeus “que tentaram encontrar analogias entre os costumes e vocábulos indígenas e hebraicos. Sustenta-se a ideia de que Cristóvão Colombo seria um judeu, financiado por um consórcio judaico para descobrir as terras onde os cristãos novos pudessem recuperar a sua identidade”. Scliar refere-se a estas ligações da comunidade judaica ao Brasil como lendárias, fantasiosas, mas acima de tudo como sérias mobilizadoras da emigração judaica para o Brasil. Foi a partir deste imaginário, criado à luz dos relatos de Marcos Iolovitch, que o Brasil se tornou numa promessa edênica e essencialmente utópica, na possibilidade de construir neste novo mundo *Eretz Israel*. (CORREIA, 2005, p.193).³

A imigração *Ashkenazita* ao Rio Grande do Sul inicia-se de forma mais representativa em 1904, quando as famílias dos recém-chegados se estabelecem na colônia agrícola *Philippson*, próxima ao município de Santa Maria. Oito anos depois, inaugurou-se outro núcleo, a colônia Quatro Irmãos, na região de Erechim. Diferentemente de outras etnias, os colonizadores judeus em sua quase totalidade, “[...] abandonaram os assentamentos agrícolas originais migrando para centros urbanos.” (GRITTI, 1997, p. 136). A respeito do processo de colonização judaica no Rio Grande do Sul, Correia esclarece que:

A questão judaica é abordada desde a chegada ao Brasil da ICA - uma associação de apoio à colonização judaica para a América do Sul, no que concerne à fundação das colônias; seu consecutivo malogro e fuga para os meios urbanos [...]. Os judeus foram alvo de nacionalismos fervorosos, de opressões e rejeições sociais ou de integrações, danosas para a preservação da sua identidade comunitária. O *shtetl* preservava ao mesmo tempo que excluía. Esta situação gera graves consequências mentais para as gerações vindouras que proliferam; integram-se; erram; melancólicos e alienados, deambulam e frustram os sonhos dos seus avoengos. (CORREIA, 2005, p. 192).

A possibilidade de proporcionar educação formal aos filhos nos ambientes urbanos é uma das razões principais que explicam a predileção dos judeus por residir nas cidades brasileiras em detrimento do campo. Certos estudos migratórios sobre fluxos de origem europeia ao Brasil demonstram que, em razão de vários fatores históricos e econômicos, a geração dos pais de Moacyr Scliar foi uma das últimas de origem *Ashkenazita* a aderir de forma mais massiva ao projeto de se estabelecer no Rio Grande do Sul⁴:

Evidentemente, o Rio Grande do Sul recebe imigrantes até hoje, mas não são mais contingentes comparáveis aos do período áureo [...]. O ano de 1930 também sinaliza a sensação de saturação do espaço gaúcho para novos projetos colonizadores, dentro da própria sociedade – mesmo que nem todo o território estivesse ocupado, começava-se a sentir a necessidade de buscar novos espaços para além da fronteira estadual. Simbolicamente, essa sensação está representada na fundação das colônias “rio-grandenses” de Porto Novo (hoje, Itapiranga) e Porto Feliz (hoje, Mondai), no extremo Oeste catarinense, na década de 1920. Na

sequência, iniciou [sic] um duradouro fluxo colonizador de gaúchos, que, entretanto, atingiu as fronteiras mais distantes do País, e até ingressou em países vizinhos. (GERTZ, 2011, p. 243-244).

No início do Século XIX, a Bessarábia, região da Europa Oriental localizada entre a Romênia e a Rússia, foi palco de agressivos movimentos antissemitas, culminando com o sanguinário *pogrom* de Kishinev, em 1903. Como retratado em obras do poeta Scholem Aleichem e telas do pintor Marc Chagall⁵, nesta localidade, submetidas a paupérrimas condições econômicas, as colônias hebreias viviam isoladas do resto da população. Filho de imigrantes judeus – do casal José Scliar e Sara Slavutzki – provenientes da Bessarábia, Moacyr Jaime Scliar nasceu em Porto Alegre, no bairro do Bom Fim, em 23 de março de 1937.

Nesse mesmo ano, Getúlio Vargas lidera uma nova reviravolta política de abrangência nacional. Instaure-se o Estado Novo, regime de viés autoritário que vigorou até 1945. Coetâneo ao incipiente nacionalismo brasileiro, o nazi-fascismo floresce e se legitima na Europa. Às vésperas da Segunda Guerra Mundial, oscilando em torno da tensão ideológica que se criaria entre os aliados e os países do eixo, o Itamarati, também em 1937, emite circular que cerceia ainda mais e agora de forma evidentemente focada a um grupo étnico específico, o visto de entrada no país aos imigrantes de origem judaica.

Por mais paradoxal que possa parecer, em virtude da acentuada mestiçagem que caracterizou a história da formação do Rio Grande do Sul, uma das singularidades culturais gaúchas marcantes é o forte apelo regionalista à propagação da pertença tradicional rio-grandense. Tais movimentos, iniciados ainda no século XIX, por meio de entidades tradicionalistas disseminadas em todo o estado, se mantêm com algumas alterações até os dias de hoje, incluindo-se entre outras manifestações culturais os clubes literários. Para Mariante, esse sentimento de “querência” gaúcha resulta, entre outros fatores:

[...] da participação ao longo do tempo em constantes lutas para a demarcação e manutenção das fronteiras do estado; da sistemática tentativa de ocupação da terra ‘que era de ninguém’; da liberdade de que gozavam os habitantes deste extremo Sul, com os seus horizontes infintos e campos imensos, onde patrão e peão esmeravam-se em suas lides do dia-a-dia, procurando um exceder o outro, mas que culminava sempre na confraternização por meio da roda de mate, grande elo afetivo e real de amizade e compreensão mútuas. (MARIANTE, 1976, p. 5-6).

Acerca desse ritual gregário e de forte sentido simbólico aos gaúchos, anos após o seu nascimento, o menino Moacyr Scliar ficaria fascinado com a velha fotografia de dois estancieiros nos arredores da colônia agrícola *Philippson*. No instantâneo captado pelo retrato, os amigos conversam amistosamente, têm vastos bigodes, usam bombachas e

botas ao estilo dos pampas, chega mesmo a sugerir que um diz ao outro a expressão típica: Bá, tchê! Mas, o inusitado que mais surpreende o garoto nessa cena é a bomba de chimarrão fumegante que eles compartilham, trocando-a de mãos. “Espécie de rito de iniciação, algo que os tornaria gaúchos.” (SCLIAR, 1991, p. 26).

Os dois personagens dessa imagem são um *Ashkenazi* e um gaúcho nativo das pradarias sulinas. Pela indumentária, não é possível distinguir quem é quem. Talvez, essa fotografia tenha confundido o imaginário infantil do futuro escritor – como entender a estranha metamorfose que poderia também ter ocorrido num daqueles senhores de traços orientais do Bom Fim que vivia em seu entorno? Com sua barba talmúdica e solidéu conspícuos, agora descaracterizado, transformado num guasca campeiro sem tirar nem pôr? Acerca do papel da literatura para representar o hibridismo cultural latino-americano, Cardoso observa que:

Todo sujeito migrante é um sujeito híbrido, porque, quando deixa sua terra, torna-se diferente, pois os outros homens que encontra na terra estrangeira têm outros costumes e outras crenças; ouve outro tipo de música e dança em outro ritmo [...]. A literatura é um espaço discursivo da manifestação do hibridismo porque o romance, ao refletir o mundo em busca da essência da realidade e do homem, descobre, analisa e relata “[...] a coexistência errante e paradoxal entre culturas, línguas e tradições distintas e muitas vezes irredutíveis entre si (promovendo) o encontro de águas sempre a convergir para uma terceira margem ou a figurar numa cartografia de meandros.” (SCARPELLI, 2004, p.177).

Há nessas formulações de Marli Fantini Scarpelli a associação entre sucessividade e simultaneidade. Isto é, a terceira margem ocorre quando o hibridismo resulta em transculturação, já a cartografia de meandros aponta para a aculturação. (CARDOSO, 2008, p.79).

O estranhamento provocado por aquela fotografia em que o imigrante *Ashkenazi* já não se distingue do gentio, pelo menos em sua aparência externa (trata-se nesse caso de transculturação ou aculturação?), poderia ser equivalente à ambivalência que rondava os judeus no bairro do Bom Fim em Porto Alegre. Ilha étnica em que Scliar passou a infância e boa parte de sua juventude, onde os ecos da tradição contavam-lhe histórias míticas e heroicas, arraigadas na errância de antigússimos ciclos migratórios.

Em sua produção literária, o autor põe em relevo uma Porto Alegre permeada por espaços ricos de afeto e de memória (ALMEIDA, 2011, p. 17). “Porque o Bom Fim dos anos 30 e 40 era um verdadeiro *shtetl*, uma aldeia da Europa Oriental no meio de Porto Alegre [...]”, “uma morada do coração” “Não, não era o *shtetl*. Verdade, já não havia ameaças: mas havia nostalgia, desencanto [...]” (SCLIAR, 1991, p. 14-24).

Desencanto, vergonha e culpa gerados por conflito de sentimentos, pela atração dos filhos dos imigrantes diante da invocação sedutora do apelo homogeneizador da nova pátria, que poderia levá-los a se distanciar da tradição milenar mantida com tanto zelo pelos seus pais. Não é o que parece ter acontecido com Moacyr Scliar:

Sou parte de uma longa corrente humana formada desde os tempos bíblicos até nossos dias, a corrente do judaísmo. [...] a condição judaica não depende de uma análise de DNA. Resulta de um sentimento de pertença. Reconheço-me nos milhões de seres humanos com quem partilho tal condição; sofri com aqueles que foram perseguidos, morri com aqueles que foram exterminados, mas orgulho-me daqueles que deram a sua contribuição à humanidade, nas artes, nas ciências, na literatura, na política. Não acredito que alguém possa ser indiferente a seu judaísmo, nem mesmo num país como o Brasil, em que identidades frequentemente se desfazem naquilo que é chamado de geleia geral. A marca judaica pode tornar-se tênue, mas não se desfaz. (SCLIAR, 2000, p. 25-26).

Em seu trabalho basilar para quem deseja se aprofundar no estudo da expressão judaica na Literatura brasileira, Waldman aponta que Moacyr Scliar é um dos raros autores nacionais que contempla a dupla identidade judaica brasileira em sua ficção, cujo filão literário abrange um contexto ainda pouco explorado:

O estrangeiro em geral não parte, permanece no país, constringido a amalgamar à sua tradição os padrões da nação que o acolhe. Os resultados dessa combinação, em Scliar, atualizam-se de diferentes maneiras; nas figuras híbridas que permeiam sua obra (*O centauro*, em *O centauro no jardim*; a sereia, em *O ciclo das águas*); no enredo que se articula de modo a deixar aflorar o choque cultural entre imigrantes e brasileiros ou entre a primeira geração de imigrantes e a de seus filhos já adaptados no país (*A guerra do Bom Fim*); na construção de personagens que vivem o conflito de terem de escolher entre a tradição de seus pais e a cultura hegemônica (*Os Deuses de Raquel*); e, ainda, na utilização de certas matrizes formais da cultura judaica (a parábola, a intertextualidade com a Bíblia e a Cabala), retomando as três em outra clave. (WALDMAN, 2003, p. 103-104).

Cultura singular, entremeada ao emaranhado de tantas outras culturas, num país ainda novo, que busca legitimar identidade nacional. Num estado em formação que, apesar de sua multiplicidade étnica, afirma querência própria apegando-se no recém-criado tradicionalismo cultural gaúcho.

Com efeito, as convocações da tradição destacadas por Waldman no excerto acima soaram importantes à formação de Moacyr que, embora tenha nascido no Brasil, cresceu em aquário identitário peculiar. Porém, o espaço do bairro do Bom Fim, aparentemente insulado às influências externas, estava inserido na polis multicultural e mestiça da província

gaúcha, num contexto brasileiro mais amplo que adere ao capitalismo e se industrializa celeremente.

A marcha do “progresso” poderia tomar um rumo irremediável que talvez trouxesse consequências severas à manutenção das raízes judaicas: homogeneização cultural, ceticismo político, individualismo, perda de pertença, diluição de valores tradicionais, utopias adoentadas, se tornando anêmicas gradativamente e quase beirando a morte. A falta de perspectivas frente a um mundo reificado traz melancolia, mas, ainda não chegamos a esse ponto, vamos voltar à infância de Scliar.

É como se os costumes praticados na sociedade com traços ainda medievais das pequenas aldeias do leste europeu, onde os pioneiros viviam num mundo à parte, encontrasse uma sobrevivida no Bom Fim, na Porto Alegre das décadas de 1930 e 1940. Ela representa o oásis onde brota a tênue esperança, espaço que se converte em oportunidade de resistir à extinção. De se propagar, característica que o povo judeu, de forma épica, contra tudo e todos, conseguira realizar com sucesso por milênios. Mesmo que de fato agora, já quase se encontrasse rumo aos seus estertores.

Falava-se ídiche corriqueiramente no Bom Fim de então, praticamente todas as crianças filhas de imigrantes judeus eram bilíngues, o dialeto ainda primava nas exposições das peças de teatro e nos filmes da época. Havia um consolidado senso comunitário, fruto em grande medida da herança cultural dos *shtetls* de onde provinham os seus primeiros moradores.

O bairro era “[...] um reduto espiritual, um cadinho de emoções”, onde as pessoas conviviam intensamente e travavam o “diálogo que vinha do *shtetl* e talvez de antes, dos tempos bíblicos [...]” (SCLIAR, 1991, p. 36). Brasil assim imagina uma possível cena rotineira testemunhada por Moacyr Scliar em sua infância:

Tentemos imaginá-lo num entardecer do verão porto-alegrense, quando o calor amainava sua tirania de fogo e as pessoas disputavam cadeiras porta afora, à busca de uma brisa [...]. Ali conversavam sobre suas experiências da travessia do Atlântico, as durezas do trabalho, o acolhimento na nova pátria. Recuperavam, também, as histórias de suas terras de onde caía a neve e que ainda eram vivas nas paisagens da memória: as hostilidades sofridas na Rússia e, mais perto de nós, as agruras que viviam os parentes e amigos submetidos a regimes discricionários e ferozes [...]. Eram fragmentos de histórias [...] sempre derivadas da memória. (BRASIL, 2004, p. 15-16).

A tradição constrói pontes entre passado e presente, assentando tijolos na esteira do antigo legado dos contadores de histórias ídiches. É provável que essa miríade de relatos fragmentários tenha calado fundo naquele pequeno menino judeu brasileiro em crescimento.

Transmitidas oralmente e baseadas nas escrituras sagradas, tais narrações eram recheadas de alegorias, mitos e parábolas.

Contemplavam característico tom conotativo cuja proeza era a de fundir simultaneamente três elementos aparentemente discrepantes: o humor, a desolação e a nostalgia. Guinsburg, acerca desse rico universo cultural propagado pela tradição oral do folclore judeu, afirma:

Trata-se não só da criação puramente folclórica, isto é, do vasto acervo de cantigas de ninar, receitas mágicas e terapêuticas, lendas e estórias, anedotas e máximas, mas da gesta ídiche, um gênero que por longo tempo atendeu às necessidades populares do plano da imaginação e da diversão. (GUINSBURG, 1972, p. 5).

Enquanto a imaginação de Moacyr Scliar era alimentada pelo acervo oral daquela comunidade que, de certa forma alegorizava o cotidiano, José Scliar, seu pai; para melhorar as oportunidades de vida dos filhos que ele próprio não tivera, se esmerava nas funções comerciais, administrando uma pequena fábrica de ombreiras de lã, que veio a se transformar numa linha de produção de acolchoados. Sara Slavutzki Scliar, a mãe do escritor, era professora da escola hebraica de nível primário na qual Moacyr foi alfabetizado.

No Bom Fim, as histórias eram contadas na rua nos dias de verão, em reuniões de vizinhos, parentes e amigos que aconteciam dentro das casas durante o inverno. Sempre ao lado do samovar⁶, o que aumentava ainda mais a saudade da Rússia, em meio a xícaras de chás, petiscos e muito falatório. Mas, as histórias não cessavam mesmo após os visitantes se despedirem, prosseguiram reservadas ao acolhimento familiar mais íntimo: “Meus pais eram grandes contadores de histórias e se me tornei um escritor foi, em grande parte, por identificação com eles, por querer partilhar do prazer que tinham em contar uma boa história.” (SCLIAR, 1998, p. 79).

Esse ambiente propício estimula o menino franzino ao gosto pela leitura e pela escrita. Scliar relataria no futuro que, apesar dos módicos ganhos de seus pais responsáveis por várias restrições orçamentárias na família, nunca faltou dinheiro em sua casa para se comprar livros. “O livro tinha que ser meu mesmo. Era coisa pra ler, riscar e carregar. Sempre senti um grande afeto pelo livro como conteúdo e como objeto. Até hoje sou um grande colecionador.” (SCLIAR, 1985, p. 14). Sara os considerava produtos de primeira necessidade, tão essenciais quanto a comida. Porém, eram proventos de natureza mais simbólica e sutil, nutriam a alma.

Comparação cheia de significados para a obsessiva mãe alimentadora que caprichava na produção de receitas judaicas tradicionais, assolada pelo compartilhado medo ancestral de que os filhos viessem a contrair doenças como a tuberculose, que se

propagava com facilidade no favorável ambiente de subnutrição dos *shtetls*. “Sou filho de uma legítima mãe judia, protetora e alimentadora. Por isso sempre pensei que a literatura deveria nutrir os leitores e protegê-los das desilusões da vida.” (SCLIAR, 2003, p. 15).

Ainda bem jovem Moacyr ganha de presente do pai a sua primeira máquina de escrever, que se transforma rapidamente num *brinquedo* muito apreciado por ele. Sobre a casa em que a família morava “espremida”, o comportamento dos pais e o seu precoce hábito de escrever, Scliar nos conta que: “A casa era velha e estalava; os ratos corriam no forro [...]. Tudo era uma aventura. Muito cedo comecei a botar no papel essas coisas, estimulado por meus pais para quem era motivo de orgulho um filho que sabia escrever histórias. (SCLIAR, 1985, p. 16).

Talvez aqui tenha se aberto a perspectiva de aprendizado da arte pouco convencional que seria cultuada por toda a sua vida: “Saber a língua nacional, e saber bem e mais, tornar-se um escritor nessa língua, era a superação absoluta de todas as estranhezas e dualidades” (BRASIL, 2004, p. 17). Depoimentos do escritor apontam que a sua primeira grande interação com a comunidade externa ao Bom Fim, se deu quando ele concluiu a escola primária judaica, transferindo-se para a instituição católica “Colégio Nossa Senhora do Rosário”. Moacyr, que nesse período já era um rapazote, vivenciou nessa oportunidade constrangimentos decorrentes dos estigmas dissimulados, tão ao gosto da hipocrisia “nacional”, atribuídos a ele por seus novos colegas cristãos.

Por outras razões, mas provavelmente experimentando o mesmo tipo de estranhamento ao sentir-se pertencer apenas parcialmente a esta pátria, Scliar deve ter sofrido no colégio católico contradição semelhante ao do imigrante judeu alemão Carlos Herz, que revelou a sua surreal situação ambígua, em relato ao Arquivo de Memória do Instituto Cultural Marc Chagall.

Nessa ocasião, em 1942, por extrema ironia, após declarada a guerra ao eixo; os judeus emigrados da Alemanha ao Brasil, passaram a sofrer restrições das autoridades, por causa de sua condição de cidadãos *Alemães*. Carlos Herz assim verbalizou a sua angústia: “Eu não sei mais o que sou, se brasileiro, se judeu, se alemão; na Alemanha me disseram que eu não sou alemão, aqui me tratam como se eu fosse” (*in* SCLIAR, 2000, p. 57).

Scliar tinha aulas regulares de religião no tradicional colégio católico. Com o tempo, o conflito de valores para ele se recrudesciu:

Mas toda a vez que a palavra “judeu” era mencionada, a classe inteira voltava-se para mim com olhar acusador. Eu era o único judeu na aula [...]. As zombarias eram pesadas, mas não se comparavam ao conflito interior no qual eu fora precipitado com a descoberta do cristianismo [...]. Enfim, a verdadeira religião, com promessas de recompensa para os fiéis. Recompensa esta da qual eu estava excluído [...]. Para sempre eu

queimaria no inferno [...]. Eles tinham a garantia do céu [...]. Embora judeu, poderia escapar ao inferno e conseguir uma vaga no purgatório, desde que fosse bom e justo. Agora: para o membro de uma raça maldita, ser bom e justo era quase impossível. O melhor mesmo seria converter-me. (SCLIAR & SOUZA, 2000, p. 66-67).

Moacyr, como seria até natural de se esperar, não se adaptou muito bem aos conflitos identitários que experimentou nesta instituição religiosa. Opta por fazer o curso científico no colégio público Júlio de Castilhos, considerado razoavelmente mais secular e liberal do que o anterior. Nesse período, o jornal *Correio do Povo* publica o seu primeiro conto, intitulado *O relógio*. Pouco tempo depois ele vence um concurso literário de autores juvenis promovido na cidade. As apostas se iniciam, frestas se abrem a um “olho arguto” que “espia e expia”.

Apelos ufanistas não tardariam, demoraria ainda cerca de cinco anos para que o Brasil se sagrasse, pela primeira vez, campeão mundial de futebol na Suécia, em 1958. Craques antológicos como Leônidas da Silva e Garrincha já brilhavam nos estádios no início da década de 50. Embora preferisse praticar o basquetebol com mais frequência, o jovem Moacyr se considerava o próprio “perna de pau” nas “peladas” do Bom Fim e do colégio.

Porém, à época, se descobre também um apaixonado pelo futebol, instituição brasileira tão cara num país de inúmeros órfãos identitários que cultuam o esquecimento, tão cara à fantasia e ao ingênuo sentimento de pertença juvenil. Nessa fase, apesar de ainda embrionário, por coincidência ou não, começa a despertar no futuro escritor com mais força o seu “olho enigmático”. Talvez o espelho lhe mostre a imagem de um ser híbrido, cindido entre duas culturas, seduzido por ambas e tendo que fazer escolhas difíceis. Eis que o incipiente artista vai aos poucos se apoderando do singular “poder do estranho”, aquele que “vê o que os outros não veem”.

Recebido em: 15/02/2017

Aprovado em: 10/05/2017

NOTAS

¹ Trecho do conto *O olho enigmático*, do livro com título homônimo de Moacyr Scliar. É da criação literária de Scliar que vem à tona esse “olhar enigmático”, que brota de um “poder do estranho” singular, aquele que “vê o que os outros não veem”. Segundo declarações do autor, a sua dinâmica criativa seria simultaneamente dialética e especular em relação à alteridade, uma vez que ele próprio é um ser híbrido pertencente a duas culturas. “Olho mágico” paradoxal, aquele que “enxerga poros nas superfícies lisas”. Oscilante entre as tensões geradas pelos binômios: fragilidade e força, tradição

e assimilação, passado e futuro. “Olho arguto” que se mira no espelho das relações multiculturais entre estrangeiros e gentios.

² Todas as citações de outros autores transcritas nesse artigo, quando necessário, receberam discretos “ajustes” de modo a atualizá-las conforme as regras do novo acordo ortográfico. Objetivou-se não comprometer com isso a literalidade das mesmas. Vale ressaltar que procuramos, com o maior rigor possível, nos manter fiéis às manutenções dos sentidos originais dos conteúdos explorados nas paráfrases.

³ Trecho do artigo de Patrícia Cardoso Correia: *Moacyr Scliar: imagens do judaísmo na cultura brasileira*. Os segmentos dessa citação destacados entre parênteses são de autoria de Moacyr Scliar, eles foram extraídos pela autora do livro *Entre Moisés e Macunaíma: os judeus que descobriram o Brasil* (Rio de Janeiro: Garamond, 2000).

⁴ Os pais de Moacyr Scliar emigraram ao Brasil na década de 1920. Eles se estabeleceram em Porto Alegre, uma vez que à época o projeto agrícola de colonização judaica patrocinado pela Associação Judaica de Colonização (Jewish Colonization Association - JCA ou ICA na sigla em inglês), já se mostrara inviável. Após uma breve mudança de Porto Alegre a Passo Fundo, onde o pai do escritor buscou melhores oportunidades para as suas atividades comerciais no interior do estado, a família se mudou mais uma vez e de forma definitiva para Porto Alegre.

⁵ Patrícia Cardoso Correia, em seu artigo *Moacyr Scliar – imagens de judaísmo na cultura brasileira* (2005, p. 193), acrescenta: “Scholem Aleichem, mencionado nas obras de Moacyr Scliar, em especial na *Majestade do Xingu*, obra em que fica patenteada de modo notório a saga da emigração judaica para o Brasil, na procura de paz, tranquilidade, igualdade social. A mesma igualdade social que buscavam num movimento político igualitário, como o comunismo [...]. Não passará certamente despercebido o fato de grande parte das capas dos seus romances terem ilustrados trechos da pintura de Chagall, o que demonstra de modo significativo a profunda imbricação da memória na ficção em Scliar. Veja-se o *Violinista Judeu* que ilustra a capa de *Entre Moisés e Macunaíma* ou *O Campo de Marte* de Chagall em *Os Deuses de Raquel*”.

⁶ Utensílio russo de uso doméstico, constituído de pequena caldeira provida de um tubo central no qual se colocam brasas para ferver e manter quente a água para o chá. (Fonte: Dicionário *on line* Priberam – disponível no site: <<https://www.priberam.pt/dlpo/samovar>>. Consulta em 14 fev. 2017.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Adriana Antunes. A estética da cidade pela geografia do afeto na obra de Moacyr Scliar. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*, v. 5, n. 8, p. 17-25, 2011.

BLANCHOT, Maurice. *A parte do fogo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

BRASIL, Luis Antonio de Assis. O universo nas ruas do mundo. In ZILBERMAN, R. & BERND, Z. *O viajante transcultural: leituras da obra de Moacyr Scliar*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

CARDOSO, João Batista. Hibridismo cultural na América Latina. *ITINERÁRIOS - Revista de Literatura*, n. 27, p. 79-90, 2008.

CORREIA, Patrícia Cardoso. Moacyr Scliar: imagens do judaísmo na cultura brasileira. *Revista Lusófona de Ciência das Religiões – Ano IV, 2005 / n.º 7/8 – p. 191-234*. 2005.

GERTZ, René. *Colonização – Segunda Fase. Releituras da História do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, Editora Oficial, 20011.

GRITTI, Isabel. Rosa. Imigração judaica no Rio Grande do Sul: a Jewish Colonization Association e a colonização de Quatro Irmãos. Porto Alegre: Marins Livreiro Editor, 1997.

GUINSBURG, Jacó. *Literatura e teatro Ídiche. Aventura de uma língua errante*. Tese de doutoramento apresentada ao Departamento de Teatro, Cinema, Rádio e Televisão da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 1972, 158 p. mimeo.

MARIANTE, Helio Moro. *História do tradicionalismo sul-rio-grandense*. Porto Alegre: Smith, 1976.

SCARPELLI, Marli Fantini. *Guimarães Rosa: fronteiras, margens, passagens*. São Paulo: Senac, 2004.

SCLIAR, Moacyr & SOUZA, Márcio, *Entre Moisés e Macunaíma. Os Judeus que descobriram o Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

SCLIAR, Moacyr. Memórias judaicas. In: SLAVUTZKY, Abrão (Org.). *A paixão de ser: depoimentos e ensaios sobre a identidade judaica*. Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios, 1998.

_____. *Judaísmo: dispersão e unidade*. São Paulo: Ática, 1994.

_____. *Cenas da vida minúscula*. Porto Alegre: L&PM, 1991.

_____. *Caminhos da esperança: a presença judaica no Rio Grande do Sul*. São Paulo: Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, 1991.

_____. *A condição judaica: das tábuas da lei à mesa da cozinha*. Porto Alegre: L&PM, 1985.

_____. *Os deuses de Raquel*. RJ: Expressão e Cultura, 1975; Porto Alegre: L&PM, 1983.

_____. *O ciclo das águas*. Porto Alegre: Editora Globo, 1975.

WALDMAN, Berta. *Entre Passos e Rastros: Presença Judaica na Literatura Brasileira Contemporânea*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

ZILBERMAN, Regina. Do Bom Fim para o mundo: entrevista com Moacyr Scliar. *WebMosaica*, v. 1, n. 2, 2009.